

FEITOS NATIVOS

Livro 25

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



SOB CUSTÓDIA

Dispondo das noites de carícias e pesquisas, ali encontro férteis amores como os necessito. Molham ao sul da cintura, vertem os excessos e envolvem, sem calcular, o tamanho e a consequência da obra. Incauto, sem perceber o perigo do amor que se manifesta vivo, faço extraordinário o tato e o odor. Elevo as energias e exalto a humildade que sensibiliza a intensidade, evitando exacerbar a expectativa.

Deixo o amor sob custódia até que a razão expulse e faça desaparecer os excessos. A vastidão de bens pelo amor disponibilizados enaltece minha vontade de querer ficar; não consigo fugir desta circunstância fantástica.

LUCIDEZ

Havendo sonhos totalmente opostos aos meus, aprendi a não acreditar.

Frequentar esse negócio de viver é não se deixar enganar nem se desculpar por erros superficiais, enganos, ardis, armadilhas, excessos, traições. Nas pequenas e triviais astúcias, fabrico iscas. São belas, mas escondem venenos. O choro dos desenganados sempre é tardio, no tempo deles compreenderem o refluxo, o movimento já os arremessou contra as pedras como que dizendo: “vai, aprende a caminhar na pedreira, já que o caminho das pedras virou trilha e se apagou.

Fingir-me grande pessoa pouco significa, porque a arrogância me exige a companhia de outras farsas para as quais não fui educado estocar. O escrúpulo e a honra não permitem o mau uso da maldade, ainda que sabida e usável. O que pode inundar-me como pessoa capaz de consciência são as marcas eternas da memória, que se me apresentam no jogo da vida, sempre que a vida faça necessário jogar. O mínimo que tento é não sofrer, mas fico com um pesar que argumenta ser a vida uma sucessão de quedas inevitáveis. Quanto

mais desesperado o intento de não sofrer, mais difícil o cumprimento da promessa do sustento da esperança e da alegria.

Sendo as mesmas bases as que formam a felicidade e a infelicidade, suponho que num mesmo voo os caminhos aconteçam, facilitando ou impedindo que fique concedida a liberdade de escolher e qual resgate deixar.

Consolar-me-ei como essa gente só.



UMA REFLEXÃO

A comoção propagada no rosto que anuncia o que a palavra chama alegria contradiz minhas penas,

A IMAGINAÇÃO

Exalto a imaginação que reveste o prazer com ânimo, arte e elegância, leva a efeito o refinamento que beneficia a paixão, fazendo-a transgressora, livre de misericórdias, profana, sem limites, devotamente ilícita. Abrigada e exposta, a imaginação costuma precipitar sentimentos exagerados; acreditando-se privilegiada, expõe seu âmagô, não tolera o silêncio que a protege, corre como suor até a superfície, transborda e tira do caminho a rotina. Subtrai fraudulentamente, extrai a dor, abriga a alegria, manifesta superabundância, matando a fome e a sede. Facetada como diamante, reflete as muitas faces deslumbradas, com honra suficiente e indícios de felicidade.

A imaginação, que tudo pode, pratica escândalos, desavergonhada pensa em tudo, faz um poema e, ao mesmo tempo, ofende, nunca envelhece. Favorece-se da natureza que a alimenta e renova. Atravessa a realidade trazendo consigo a consolação, pois represa em si todos os sonhos; fabricando-os, cria afeição.

FORO ÍNTIMO

Aguardo um momento propício para salvaguardar o espanto que me causa o abuso de poder. Tento ajustar no foro íntimo uma tolerância esgotada que, insistente, pois ainda fecunda advertências. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que eu penso como coisas minhas.

Difícil é manter o coração puro quando uma fadiga provoca o esvaziamento do sentido de pertencimento. Não alcanço ser delicado com a decadência a que o poder leva, tal a frequência; gostaria de afrontá-la, mas não disponho da bondade quando me importuna este escuro, com seus domínios impostos. Recuso-me a conceder esta tolerância.

A chave da minha casa ainda me pertence. Não repetirei enganos, esquecendo nomes, aguentando, enquanto perco a direção da minha razão. Minha vontade é de abrir todo o óbvio ocultado, não aceito e não me inclino às falsas esperanças, à manipulação das palavras que gravam na minha alma angustiada um pedido de paciência em meio ao meu desespero.

Há gente capaz de viver o pior como se fosse alheio; para mim, o pior é o que não quero que me aconteça. Ele vem como uma reprovação, lança âncora em terra firme e me joga sem boia no mar. O pior é que o abuso de poder não me dá o recurso da ajuda, antes, corrói minha unidade, apaga a luz.



SONDAGEM

Sinto o entusiasmo que me invade, mas não encontro quem me queira ouvir, alguém para compartilhar esse sentir que recolhe e escolhe parceiros. Quase ninguém observa o quanto seria intenso viver em comum essa oferta da vida que, diante de nós, espontânea, se oferece ao alcance das mãos, e que acaba desperdiçada pela distração cotidiana que se impõe como método de fugir de si mesmo. A consistência do entusiasmo se sustenta por sua natureza milenar de fazer-nos interessados no mundo que nos acompanha feito flor, nuvem, mar. Faço uma sondagem, quero revelar o perdido.

Inteiramente ao contrário do desejo, os olhares mal alcançam o próximo passo, não reconhecem o presente, se esquecem de haver tido um passado e desconhecem que haverá um futuro. Esse desarmônico encerro impede as sinergias, provoca os desencontros, imobiliza as procuras. Secundando minha procura, uma nostálgica recuperação traz de volta uma visita, um apelo, uma solidão assistida, um olhar consolador, um afago, um acolhimento capaz acalmar e alimentar o entusiasmo. Removidos os obstáculos, o prazer devolve direitos e alimenta extraordinárias escolhas. Haverá um lugar que acolha melhor?



BUSCA

Quero o alimento que torne explícito o mundo que carrego dentro de mim. Uma vontade inesperada aparece sem se anunciar e desaparece todas as noites antes que com ela me intime. Vivo recostado no cotidiano, projetando na hora seguinte liberar um

grito que mude minha vida. Distraio meus próximos minutos para tornar minha carência menos premente. Um sobreaviso acompanha-me, escoltando minhas dúvidas, embora eu sempre tente delas me afastar. Esses misteriosos movimentos desdobram várias tentações ligadas entre si. Mesmo que a dúvida se dissipasse, logo depois eu seguiria duvidando. Razões nunca me faltam; elas assumem um significado definitivo quando me fazem entender que o futuro segue sendo uma incógnita indecifrada.



NOSTALGIA

Uma intenção nostálgica me salva. Das decepções, resta o esquecimento. Às mágoas, algumas reincidentes, voltam para fazer-me lembrar o quanto ingênuo eu sigo. Foi-se embora um sonho rude, dissonante do que vou conhecendo. Arrependido, já me virei várias vezes do avesso. Defini, de uma vez por todas, aceitar que não irei encontrar mais o que eu sentia antes.

Sem movimentos silenciosos, fiz minha retirada. Ainda que sentisse a necessidade de falar, silencieei meu pedido àquele que fui reduzido; não havia possibilidade de um acordo, quase não há consenso. Por mim, recorreria, do começo ao fim, aproveitar tudo o que deixei pelo caminho: as exclusões não escolhidas. Minha vontade é uma coisa bestial; sem os disfarces do amor, assustaria. Recomposto o susto, tive medo de aonde iria chegar se, na excitação, danos causasse. Nesse meu corpo só há extremos; se acontecer de contar tudo o que sinto, faltarão mediações para satisfazer-me, eu que amo absoluto, extremo, ocupado entre perseguir a lembrança que deixou rastros e fazer dela um ato definitivo.



MINHA IMAGINAÇÃO

Minha imaginação nunca termina de crescer. O que mais me interessa dizer é que ela se fantasia de livre e conquista a mais humilde das vontades, a mais

importante, por ser a mais próxima de alcançar. Extraída da minha essência, se oferece para ser usada. Inventa gestos, descumpre ordens, mexe no tempo, ocupa somente seus espaços. Abstrata, tolerante, deixa rastros, provocando minhas habituações, planta nostalgias para alcançar fazer-me à flor da pele, menos separado do que sou. Difunde-se como luz, inventa atitudes, colore com intenções de plantar a beleza e dar encanto às sombras que guardei. Propõe-se como atitude objetiva para me fazer sonhar. Sei em mim dessa arqueologia da descoberta. Apodera-se de mim um desejo impossível: alterar minha temporalidade para conter tanta vida ainda por viver. Dividido entre o que me consola e o que ambiciono mais, confirmo que não estou vivendo apenas de ilusões. Darei a qualidade de concreto a tudo que me fascine e me revele como autor da minha própria história.

PRETENSÃO

Vejo-me tentado a iluminar o meu olhar. Ele explora todos os ângulos em um exercício de procurar-te. Tento preencher as lacunas, atingir o máximo da visão até captar a cor da alma, o reverso da intenção, até provocar várias versões, contar meu sentir de todas as formas, constatar a variedade, a diversidade, o movimento que me cerca. Evoco uma compreensão para as aparições imaginárias que te trazem. Constato o quanto isso me move para facilitar a definição, se ela é começo ou fim. Passo em revista que eu fui para ti, principalmente quando fui aquele que manteve uma distância para que os afetos fluíssem. Meu desafio é seguir sendo um adepto do concreto, de virtual me basta minha imaginação, que sempre me “deixa a ver navios”. Quero fundir-me, exagerar, emparelhar-me com meu desejo, ser fiel à tua convocação, gozar das vantagens de estar vivo. Não é por acaso que estou aqui. Torno habitual esse buscar-te sem fim. O que deveria ser um grande amor segue sendo uma procura. Estou impregnado de uma curiosidade infinita que me nutre o prazer de enumerar todos os bens que estou conhecendo enquanto o amor que sinto vai assumindo outras formas.

CONSENTIMENTOS

Confiro, no fundo do meu coração, o que a razão não alcança ver. A vida imprime e reúne, sem ordem, a aparição de pessoas vindas dos mais diversos lugares, histórias se cruzam, alternam confrontos e decepções, esperando a hora do encontro.



ESPERA

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher dobrado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebrei quando me oferecestes o que todos queriam.

Chegaste como uma seta no alvo, aconteceu, oportunizaste-me encontrar-te, vieste a tempo de assistir-me primaveril. Menti que inventei um poema de

Vinicius, que fui autor de um livro que ensina a cuidar e que me livre de todas as amarras para te presentear o mundo, que te farei todos os gostos, que meus ciúmes serão suportáveis, que controlarei as distâncias, que curarei cicatrizes e que, se tiver que partir, deixarei algumas apenas mágoas e muitas saudades.



RUMO

Desobrijo-me das culpas que não são minhas, retorno menos denso o agravamento que ramifica violências em cada injúria. Recairão sobre mim acusações por minha resistência por defender minha vontade de evitar e encurtar as dores que não são minhas. Elejo afetos amorosos, digo-me onde colhê-los. Multiplico o interesse até torná-lo uma fonte recomendável de prudência, de cortesia e afeição. Ficarei feliz em aumentar meu desejo de concentrar todo acolhimento que aproxima uma convivência suave, íntima, até restituir uma lembrança que sirva de guia.

ÚTIL ESPANTO

Previno que não aceito qualquer coisa. Fujo dos rituais que me fazem insensível, das estafas iminentes. Exalto uma vontade de trazer certezas convertidas em vozes que saem do meu fundo, mais profundas são as razões que prezam e acolhem carências e abundâncias inesperadas. Ainda que me doa, vivo preocupado em saber os caminhos de todos os quereres para deles aprender a não perder o rumo nem depender de promessas. Presto-me cuidados, suspeito que um particular instinto me avisa que a fragilidade anda por perto, ronda meus dias proclamando alguns direitos. Cheguei até aqui, não sei como o fiz, assisto à ascensão da incerteza, ponho em alerta meu útil espanto.

LEGITIMAÇÃO

Ainda que me custe, pesa sobre mim um adiamento que me enche de asperezas, criva meus sentidos de arrependimentos reveladores. Um amontoado de razões não foi o suficiente para suportar esse sentimento que carrega minhas culpas. Habituei-me a transformar em decepção minhas limitadas esperanças tornando particulares as tristezas. Desconfiado, proponho-me novos interesses menos complicados, renuncio aos domínios. Estou ávido de pousar meus cansaços. Sinto-me desabitado.

Cumpro preceitos, me precavenho das demissões da vida. Nada me faz esquecer do passado que ocupa a frente de todos os meus sonhos e me faz seguir precipitando saudades a indicar-me. Onde legitimá-las?

DESACORDO

Se contemplo como me aparteí desses lugares, descobro-me instável, humano, ambivalente. Assim, interrompo-me no prolongamento, me excluo, descontinuado. Quem fui eu até hoje, se vivo me contradizendo? Este desacordo é mais fundo do que imagino, arremedo as vozes que vivem dentro de mim, busco deixar de contrapor o que fui e o que sou, tento alcançar uma uniformidade, uma clareza que me permita ter ânimo. Convalescendo dos sonhos perdidos, peço a presença de algum consolo que me convide a acostumar-me a dispor de novos giros que me tragam a vida mais palpável, que tornem mais efetivo o existir cativando-me para fundar e permitir novos encontros.

NOVAS VISITAS

Meu passado me visitava às vezes. Havia se aberto um abismo entre nós, mas mesmo assim algumas lembranças pareciam perder o rumo e se apresentavam frescas como notícias do dia. Pouco dissimulado, sempre me surpreendi com as lembranças brincalhonas invadindo meu espaço privado, atual, eu ali sem saber, aguardando algumas presenças! Enquanto me ocupava de outras coisas, as visitas se faziam mais frequentes. Como eu iria vivenciar tudo isso sem indignação, sem exigir uma explicação? Insultei meu passado, uma ou outra vez, proibi-lhe terminantemente de se meter na minha vida atual. Aflito, pensei em exigir-lhe alguma reparação. Estranhamente, algo me atraía nesse passado; por que reapareceria? Teria vivido ali para sempre, dentro de mim em silêncio, esperando um momento em que eu pudesse ouvir o que teria para me dizer? Pus-me a observar, cada vez que alguma inquietude me fazia perceber que ele estaria chegando. Conheço-o mal, depois de tanto tempo. Ávido, pensei em dissipar todas as minhas dúvidas. Eu não lhe tinha afeto, muito antes já o havia eliminado do seu lugar, destinando-o ao esquecimento. Sempre

que veio, sua presença não durou mais do que um breve instante, enquanto eu firmava uma posição de não dialogar com ele. Quem sabe ele tenta algum princípio de reconciliação? Querirá reunir-se para novamente sermos felizes juntos? Trará alguma mágoa insuportável que evito reviver? Alguma dor perdida no tempo?

Hoje, tudo isso terá um fim, não poderá ser diferente. Quando esse passado vier, me apresentarei a ele e farei todos os confrontos, ficarei bem informado, ouvirei tudo o que ele me queira dizer, desde que ele traga de volta meus amigos de infância, meus pais, meus irmãos e a casa onde eu nasci. Depois, reconciliarei os tempos todos, mediando os novos e os antigos.

Quero de volta uma lembrança que me faça rir, que me siga contando histórias, que dilate o tamanho do meu quarto, prolongue o meu sonho, e, finalmente, aumente minha lucidez. Então, minha memória se abrirá serena, por si só; meu passado chegará parecendo como se ali estivesse estado todo o tempo, sem ruído, exatamente igual a como eu o havia esquecido há muito tempo atrás.

A INDISPENSÁVEL ORIGEM

Tendo encontrado aberta a porta dos sonhos, a voz da recordação, antes do amanhecer, disse a mim mesmo que eles foram tentativas noturnas de encontrar a paz, inventaram armadilhas, usaram atalhos, armaram ciladas. Inventaram mágicos enganos, mas que não souberam acalmar minhas urgências escondidas. Não obtive resposta, as alegrias seguem secretas, longe do meu alcance. A tristeza ainda me veste de cinza, o desconsolo deixa uma cicatriz que me destina a uma solidão. A aposta de viver sem os mortos fracassou. Terei de buscar um lugar onde guardar a tristeza de havê-los perdido.

Seguirei próximo do risco, quero estar mais perto de inventar uma realidade que me poupe alguns anos e faça nascer perto de mim alguma beleza. Faço da vida um invento diário. Como personagem secundário, oculto a fonte sem deixar vestígios dos caminhos percorridos. Neles, suaves emoções relembram afagos. Conduzo-me tentando um equilíbrio. Quero assinar um contrato que me vincule com a terra onde nasci, que constate que me é indispensável a origem.

REPARTIÇÃO

Enquanto houver saudade, torno-me colateral. Indeferi as penas, delimito o que vejo onde os outros distraidamente recuam, se afastam. Pudessem eu prolongar a esperança que dobrasse o tamanho do meu abraço para nele caber uma proteção maior.

Tento e não consigo demitir essa vontade de voltar, de aceitar-me criança eterna, dando a maior das dores o tamanho do medo maior, quase igual ao medo infantil que tanto me atormentou por ficar sem pai e mãe, falta de abraços, eternidade condenada ao abandono cruel. Dividir dores me custa novas dores, porque cada uma das dores dói tanto que as isolo. Tamanha a dor de certas dores, que me autorizo a torná-las vagas, desunidas, fraturadas, incorporo-as por partes para suportá-las, divido-as fraternalmente, separo-as em duas, três, mil partes, tantas quantas necessárias para caberem dentro de mim. Só então durmo.

OSCILA

Oscila entre os tempos que haviam sido e o futuro que se dissolve roçando o esgotamento.



CERTA REGIÃO

Certa região modelada pelos costumes, habituações, reage, rompe o clima, afeta à proximidade e à distância, elimina a exatidão numérica e a imprecisão afetiva.



O REVERSO

Sobretudo, o reverso das sombras fica iluminado pelo sol que habita e embala bifurcações entre tão diferentes imagens.

FUTURO

Haverá que saber encontrar aquele que triste, encantador como um anjo infeliz, ele saberá te enganar prometendo a eternidade por um instante de amor.



UNS DIAS

A pergunta necessita um tempo de absorção, para ser incorporada deveria dar uns dias para construir respostas uteis e adequadas.



TORNAR NAVEGÁVEIS

Precisamos tornar navegáveis histórias por realizar avançando na direção dos tempos.

OS TRISTES

Os tristes têm a alma ocupada de cansaço e desistência. Esta é a base das deserções.



NO FRACASSO

No fracasso do amor, há aqueles que ornados de falsas dedicações, fingem que se divertem, afirmando o pensamento em controlar o gemido que ameaça brotar. Afirmados no desconhecido de si mesmos, encobrem as dores que os acompanha.

COPIOSAMENTE

O vento fecunda areias e cabelos, deslumbra os colos nus, colhe o fogo dos céus em cada aparição. Em meio às surpresas domina a fertilidade e a ternura. Confunde-se com a poesia, dos abismos fluem corações pedindo bis. A aurora chega com sua nudez carregada de desejos.



ESPERA

Deselegantes resquícios conduzem a uma espera aflita dando origem a novas penas.

SEM PORTO

Hora de matar os sonhos, com a coragem de quem lentamente se despede da alma iludida em cálculos sem sentidos, confundindo amores com dores, ficou um coração sem voz e sem porto.



TRATO DA SOLIDÃO

Trata-se da solidão dos que falam sozinhos ou com os espelhos. Despreparados e surpreendidos, sofrem ofendidos por não saberem defender-se de si mesmos.

O TEMPO

O tempo tira brilhos, desaba com as rimas, fere a visão. Intencionalmente, com o tempo partem sem rastros a coragem e a ambição. O tempo como autor é um mestre que não negocia. Enquanto passa não se o sente, segue emudecido em sua autonomia.



CONTAS

Contar os bocados, o saldo que permanecer, embora possa parecer inexpressivo será aquilo que servirá para montar um projeto seguinte. Depois, não será mais necessário fingir haver esquecido como conduzir-se na vida. Entre a terrível ilusão do retorno garantido e a abominável falta de alimento, tudo se faz fim.

AFETADOS

Certos humanos murmuram, sem sentido cambaleiam diante de intermináveis faltas de inteligência oferecendo exibição ostentosa. Em seu carregamento reúnem superfaturados, desviam dinheiro público, achaques, pilhagens, riquezas contrabandeadas. Um ponto culminante em suas vidas é o intercambio de joias e adereços, em um círculo de vantagens mútuas e encontros de pouca importância, sempre mantidos a distância dos afetos cotidianos.



PODERES APETECIDOS

Poderes apetecidos não são suficientes para dar-nos nada mais além do que pequenos êxitos. Assim sendo, apenas minúsculas inovações são alcançadas onde habitualmente se aspira o ilimitado.

CRITÉRIOS

É mais fácil amar aos bocados que por inteiro, porque o amor transporta tantas versões que sem ser linear exige que cada instante do processo se afirme para abrir-se à próxima etapa. A introdução de motivos inovadores sustenta o encanto com critérios subjetivos a serem conhecidos e conquistados.



PRETENSÕES

Há os que não pensam na vida como única no avanço dos tempos. Caminham por lugares instáveis, vivem em grupos vagando unidos, inventando extensões pretenciosas.

NOBRE ARDOR

Fazendo-se prisioneiros inconscientes, não param de se beijar e se olham como se fosse a primeira e a última vez. Quase imolados em rituais de sacrifício provam o nobre ardor desejanste que não deixa o outro em paz um minuto sequer.



DISPENSAS

Competindo, educados por um modelo que desconhece a propriedade coletiva, os humanos perdem suas autonomias afogados no individualismo que evoca a dispensa do próximo como solução.

AS RAIVAS

Misturadas, as raivas resistem a tudo que se oponha aos seus odores secretos. As raivas reinam eternizadas pelas mesmas razões, suportadas pela intolerância com que não aceitam ficar sem serem notadas.



CALMARIAS

O amor prega proteção, encanto, insistentes celebrações, alívios imediatos, memórias enriquecidas, assombros brotando alegres, reiteradas vontades de expulsar o vício de renunciar. Uma indisciplina no sentir descomplica a ordem dos atos influenciando concessões nunca imaginadas inspiradas no voo das areias turbinadas pelo vento enlouquecido, fingindo coragem de atropelar as calmarias.

DESMONTAR A PAISAGEM

Desmontar a paisagem, romper as estruturas, esvaziar as narrativas, vincular a realidade da vida mesmo, ali vivida no terreno comum, sem categorias, vacinando-se dos ideais temporários, materiais, míticos, que não sejam a surpresa, a novidade, a espera de um convite para serem reconhecidos.



TUDO OU NADA

Há uma impressão quase universal de evolução em um tempo inigualável de descobertas. A simplificação dos complexos naturais ao homem e à Natureza empobrece. A idealização das máquinas será indicador desumanizado de referência emudecendo os Valores da Ética e gritando euforicamente pela industrialização e pela globalização que nivelam o tudo ao nada.

O TEMPO DA ESCUTA

Concluo que o tempo da escuta seja o mesmo e a base dos monólogos que dispensam e excluem diálogos.



O TEMPO DA ATENÇÃO

O tempo da atenção exigido para a leitura de um livro não se sustenta na mente abreviada de curiosidade pela informação, onde o ler é uma tarefa de descarte, ritmo mais encontrado em uma breve nota se livra ao instante.

A CADA DIA

A cada dia nosso universo fica mais incorporado de asneiras omnipresentes, ornamentando-se para disfarçarem-se como ciência que lhe avaliza e enobrece como puras e intocáveis verdades.



CORRO O RISCO

Corro o risco de ser insistente, gostaria de voltar um instante ao território dos mistérios e tentar desvendar este mundo tão frequentado e nada questionado.

Os mistérios são tantos, e redigidos pela inventiva, abrigam a fé cega posta em um roteiro baseado na surpresa encantadora e imprevisível. Por obstinados, os mistérios abrigam extravagâncias, vivem autônomos da necessidade de serem desvendados.

RECONHEÇO

Reconheço deficiências em todas as partes que copiem.
Um modo de ver o mundo se nivela comendo.



Roberto Curi Hallal

